

# RECEITA PARA ENTREVISTAR

# TOM JOBIM



Stone Flower, o mais recente LP de Jobim, gravado nos States, está vendendo bem. Cá e lá. Tom diz que prefere compor no Brasil e gravar nos Estados Unidos.

- 1.º — ter, acima de tudo, muita paciência
- 2.º — correr todos os bares do Leblon, onde ele costuma beber com os amigos
- 3.º — levar um papo com Carlinhos de Oliveira e com o pessoal do Antonio's para saber tôdas as dicas
- 4.º — encontrar um cara que more há bastante tempo por aquelas bandas e convença o Tom a dar a entrevista
- 5.º — chegar lá pelo fim da tarde no Antonio's, depois da entrevista marcada, pedir um uisquinho e, saboreando um siri recheado, bater aquele papo com o Tom.

Reportagem de Lucia Rito • Fotos de Luiz Alberto

**T**OM Jobim está no Rio há quatro meses. Depois do sucesso que obteve nos Estados Unidos ele veio descansar e não sabe ainda quando, ou se volta para lá. Não está parado como muita gente pensa e prova disso é que tem 40 músicas inéditas para serem gravadas em breve.

Com 43 anos, Tom está vivendo para os amigos com quem já está boiando um show da pesada, para apresentar na televisão. Quando não está em casa tocando piano e escutando o canto dos passarinhos é certo encontrá-lo no Antonio's, no Leblon, seu segundo lar, onde diariamente ele assina o ponto.

Um automóvel branco se aproxima do Antonio's. No volante está Tom Jobim. De terno, pronto para ir ao concerto de Elisete Cardoso na Sala Cecilia Meireles, ele encosta o carro lentamente e com um sorriso marôto entra no bar. Sua jovialidade surpreende e, à primeira vista, ele parece apenas um garoto mais vivido do que os outros. Simpático, cumprimenta os garçons e senta ao nosso lado. Antes de responder às perguntas pede um uisquinho e nos observa cautelosamente. Não fica um minuto parado. Mexe com as mãos, fala sobre mil coisas diferentes e, de repente, tira do bolso uns óculos, que volta e meia coloca sobre o nariz. Cinco minutos se passam e ele já nos trata como velho amigo.

A primeira coisa que fala é no seu disco *Stone Flower*, sucesso nos Estados Unidos e que foi lançado no Brasil no último dia 14. Depois fala da trilha sonora que fez para o filme *The Adventurers* e nos seus planos de gravar uns discos por aqui e fazer um show na TV Globo em fins de janeiro. Faz uma pausa, chama o garçon. Pede um siri recheado e continua:





Tom confessa que é difícil, às vezes, encontrar tempo e concentração para compor no Brasil. É que são muitas as solicitações: pescaria no mar, os amigos como Carlinhos de Oliveira (a convidar prum uisquinho...), mesmo assim, Tom já tem, prontas para gravar, quarenta composições inéditas.



— É muito difícil trabalhar aqui no Rio. Há muita agitação, não se consegue fazer muita coisa. Os amigos são tantos, vivem convidando para tomar um uisquinho, a gente não resiste e deixa a música um pouco de lado.

Apesar disso, Tom já fez, desde que chegou, perto de 40 músicas. A mais recente, *Rancho nas Nuvens*, é música bem brasileira, como ele faz questão de dizer. Preocupado com o chamado som universal diz que música bem feita é cantada em qualquer lugar. Ao contrário da garotada, que está fazendo música americana e gravando no Brasil, ele prefere fazer música brasileira e gravar em Nova Iorque, para contrabalançar um pouco.

Amante da natureza, apesar de achar que hoje em dia ela está fadada a desaparecer, "pois até o mar que é uma coisa tão linda está poluído", Tom está se inspirando no canto dos pássaros brasileiros, o sem-fim e o trinca-ferro, e fazendo músicas sensacionais. Muito sossegado ele gosta de ficar em casa, recebendo os amigos, compondo. Não entende porque as pessoas vivem perguntando sobre suas músicas e acrescenta:

— É lógico que eu gosto de ver as pessoas cantando minhas músicas. Sinto-me gratificado. Só que elas ainda não estão prontas, faltam os arranjos, têm que ser mais trabalhadas. Mas pode estar certa de que dentro de pouco tempo todos ouvirão minhas novas músicas.

**D**E repente ele começa a falar de Paulo, seu filho. Sente um orgulho muito grande. Já está um garotão, 20 anos, 1,85 m de altura, vidrado no mar. Fala de Elizabeth também, sua filha de 13 anos que ainda está no ginásio. A juventude dos filhos lhe faz bem, a casa vive cheia de garotos como eles, que estão começando ago-

ra, fazendo música, vivendo.

Agora Tom está totalmente à vontade. Tira os óculos, começa a cantar músicas de carnaval, como se estivesse num baile. As pessoas que passam ali por perto não se surpreendem com ele. Tom é apenas um homem comum como todos aqueles que estão no bar. Gosta de carnaval porque as pessoas ficam felizes, cantam, dançam.

Preocupado com as letras de suas músicas, diz que gosta muito de compor em parceria. "É gostoso porque a gente tem possibilidade de criar em conjunto. A música vai saindo de mansinho, há comunicação entre um e outro, coisa que atualmente está faltando no mundo."

**E**NTRETANTO, apesar de gostar tanto de compor em parceria, Tom, ultimamente, está fazendo muita música instrumental, sozinho, porque seus grandes amigos andam ocupados: Vinícius acaba de chegar de uma viagem que fez à Argentina, Chico vive viajando e Newton Mendonça, um dos mais felizes, morreu.

Paulo, o filho mais velho de Tom também está estudando música. Como o pai, fica horas e horas no piano, compondo. Não gosta muito de falar e prefere não aparecer nas fotografias. O pai compreende, dá razão ao filho.

O "papo" está chegando ao fim. O telefone toca. É Teresa, mulher de Tom perguntando se ele não vai apanhá-la para o concerto de Elisete. Ele atende e diz que já vai. Toma mais um uisque e pede para a gente levar o texto para ele ver antes de sair publicado. Diante de nossa surpresa explica:

— Sabe, não é por nada, não, mas eu gostaria de ver isso aí depois de pronto. É bom a gente dar uma olhadinha, não é?

— E.